

**ENTRE A CRUZ E A ESPADA: ESCOLÁSTICA, HUMANISMO E
HIBRIDISMO CULTURAL NA ARTE DE GRAMÁTICA
DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL (1595)**

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

A apresentação tem como tema a história do pensamento linguístico (*linguistic thought, idées linguistiques*) no Brasil, pelos pressupostos da disciplina de Historiografia da Linguística (HL) e de História das Ideias Linguísticas (HIL), conforme o modelo teórico-metodológico de Auroux (1992), Koerner (1996) e Swiggers (2013). Nosso objetivo é debater a questão da periodização do pensamento linguístico no Brasil, em um modelo dividido em três grandes períodos: o missionário, o secular e o científico (KALTNER, 2022), que se referem a três períodos institucionais no Brasil: colônia, Império e República, respectivamente. Especificamente, nosso debate teórico se desenvolverá sobre o período missionário, na América portuguesa quinhentista, analisando a influência de duas correntes de pensamento no modelo gramatical da época: a (segunda) escolástica e o humanismo renascentista, presentes nas gramáticas missionárias (ZWARTJES, 2011), como na *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), escrita por S. José de Anchieta, SJ (1534–1597). As correntes de pensamento em questão serão descritas pelo conceito de hibridismo cultural (BURKE, 2003) em sua recepção no Brasil do século XVI, e no modelo gramatical de Anchieta.

Palavras-chave:

Gramaticografia. Tupinologia. Linguística Missionária.

ABSTRACT

The presentation has as its theme the history of linguistic thought (*linguistic thought, idées linguistiques*) in Brazil, based on the assumptions of the Historiography of Linguistics (HL) and History of Linguistic Ideas (HIL), according to Auroux's theoretical-methodological model (1992), Koerner (1996) and Swiggers (2013). My objective is to discuss the issue of the periodization of linguistic thinking in Brazil, in a model divided into three major periods: the missionary, the secular and the scientific (KALTNER, 2022), which refer to three institutional periods in Brazil: colony, Empire and Republic, respectively. Specifically, our theoretical debate will be developed on the missionary period, in sixteenth-century Portuguese America, analyzing the influence of two currents of thought on the grammatical model of the time: the (second) scholasticism and Renaissance humanism, present in missionary grammars (ZWARTJES, 2011), as in *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), written by S. José de Anchieta, SJ (1534–1597). The currents of thought in question will be described by the concept of cultural hybridism (BURKE, 2003) in its reception in sixteenth-century Brazil, and in Anchieta's grammatical model.

Keywords:

Grammaticography. Tupinology. Missionary Linguistics.

1. Introdução

No desenvolvimento de nossa investigação, o elemento central de análise é a descrição da história do pensamento linguístico no Brasil, categoria derivada de tradução do termo *linguistic thought*. O conceito foi desenvolvido por Konrad Koerner (1996; 2010) e Pierre Swiggers (2013; 2019), na fundamentação teórico-metodológica da disciplina de Historiografia da Linguística (HL). A disciplina de HL desenvolveu-se paralelamente à disciplina de História das Ideias Linguísticas (HIL), teorizada por Sylvain Auroux (1992), tendo tido interseções e afastamentos ao longo de décadas de desenvolvimento no cenário acadêmico internacional, o que se refletiu na implantação dos campos de pesquisa de HL e de HIL também no Brasil, como Ronaldo Batista tem debatido (BATISTA, 2019).

A história do pensamento linguístico é um fenômeno de investigação que necessita ser delimitado por um “domínio extensional”, conforme Batista (2019), o que implica na seleção de fatos históricos relativos às mudanças significativas no desenvolvimento do pensamento linguístico:

No domínio extensional, coloca-se a questão da vocação de exaustividade do registro da história. Se esse aspecto é de fato utópico, ele pode auxiliar na definição de limites para o objeto de análise, o que será incluído ou não em uma perspectiva retrospectiva (ou até prospectiva), considerando que um recorte nunca é único e sempre poderá ser revisto por outro historiógrafo. Pode-se apontar, então, a proposta de uma historiografia não extensional, guiada por recortes no desenvolvimento da história do conhecimento sobre a linguagem, ou seja, uma historiografia que parte de pontos de vista a respeito de seleções que devem ser explicitadas e justificadas pelo pesquisador. (BATISTA, 2019, p. 14)

Esse domínio extensional em relação à descrição da história do pensamento linguístico no contexto da América portuguesa quinhentista levou-nos a uma periodização e a um modelo teórico para compreender a dinâmica do desenvolvimento do pensamento linguístico em relação à obra de S. José de Anchieta (1534–1597), principalmente em relação à *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), pedra angular da História da Gramática no Brasil.

O período missionário quinhentista, subdividido em três fases, permitiu-nos perceber uma dinâmica que há na política missionária, cerne do desenvolvimento intelectual da colônia quinhentista, e como a descrição linguística de uma língua indígena nesse contexto foi desenvolvida. A escolástica medieval franciscana e um empirismo intelectual dos primeiros missionários, nas primeiras décadas da colônia, refletiram as políticas linguísticas adotadas na África e na Ásia, nos séculos XV e XVI, no início da

colonização da América portuguesa.

Posteriormente, com as primeiras missões jesuíticas, em 1549, o ensino de Humanidades, o modelo de escolas de ler e escrever e de colégios humanísticos, trouxe à colônia as inovações da gramática humanística, derivadas do humanismo itálico e francês. Esse é o período em que a gramática de Anchieta foi escrita, assim como as demais obras dos *Monumenta Anchieta*, um período de uma verdadeira *Respublica Litteraria* na América portuguesa quinhentista.

Um ponto de ancoragem, que atua como certa ruptura da época de Nóbrega e Anchieta, é o período da União Ibérica, em que o ensino de Filosofia se inicia na colônia. A introdução da gramática de Manuel Álvares, a *Ratio Studiorum* e mesmo o pensamento da segunda escolástica teriam marcado o final do século, que teria reverberado já na redação da gramática de Figueira em 1621, mais sistematizada do que a de Anchieta. Também marcou um declínio da produção de obras como os *Monumenta Anchieta*, pois as humanidades foram substituídas pela filosofia, como ciência auxiliar da teologia.

Esse debate teórico-cultural foi desenvolvido nos últimos quatro anos em nosso projeto de pesquisas: *Regna Brasillica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia da Linguística*, que se desenvolveu no âmbito do grupo de pesquisas: “Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional” (FILIC/CNPq/UFF). O referido grupo é credenciado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

2. Ainda o modelo teórico: período missionário e suas três fases quinhentistas

Conforme o modelo teórico-metodológico da HL, por Konrad Koerner, o princípio da contextualização (Cf. KOERNER, 1996) é um dos elementos de organização da pesquisa historiográfica. Nesse sentido, a América portuguesa quinhentista foi elencada como nosso ponto de ancoragem (Cf. SWIGGERS, 2013; 2019) para o início da descrição da história do pensamento linguístico no Brasil. O rótulo América portuguesa, derivado de tradição oitocentista, é mais preciso para a descrição historiográfica e cultural do contexto analisado, mesmo que rivalize com os termos Brasil Colônia e Brasil do século XVI.

Uma questão de natureza teórica que surgiu sobre essa descrição

diz respeito à história institucional que pode ser constituída como narrativa historiográfica dos fatos linguísticos desse contexto. A América portuguesa quinhentista foi um período de grande instabilidade institucional e de uma produção intelectual pela oralidade de que não há um registro integral documental. Nesse sentido, conforme Swiggers (2013; 2019), adotamos a perspectiva ecolinguística na descrição geral da América portuguesa quinhentista.

Essa visão teórica torna a América portuguesa quinhentista um ecossistema linguístico, como elemento da Ecologia Fundamental da Língua, pelos pressupostos da Ecolinguística (EL), como define Couto (2007):

O conceito básico da ecologia é o de ecossistema. Aplicando-se à língua, verificamos que seu ecossistema básico consta de território (T), povo (P) e língua (L). As interrelações (o segundo conceito em importância em ecologia) entre os três pontos que constituem a EFL são as seguintes: para que haja L, é necessário que exista um P, cujos membros vivam e convivam em determinado T. (COUTO, 2007, p. 20)

As interrelações no ecossistema linguístico da América portuguesa quinhentista se dão em uma ecologia do contato de línguas entre povo(s), língua(s) e um mesmo território. A base cultural tupinambá, assim como a língua derivada dessa base cultural, estará no cerne de desenvolvimento do pensamento linguístico na América portuguesa quinhentista, pois esta será a principal língua da colônia no século XVI, fruto de gramatização (Cf. AUROUX, 1992), por parte dos missionários europeus (ZWARTJES, 2011).

Uma obra representativa desse estado de coisas, que se contextualiza na América portuguesa quinhentista, é *o Auto de São Lourenço*, também de Anchieta (1977), que demonstra a ecologia de contato de línguas característica da colônia ultramarina de Portugal no século XVI. A fim de se analisar o pensamento linguístico de Anchieta, além de sua gramática da língua dos indígenas de cultura tupinambá (*Tupinamba Sprache*), é necessário analisar os *Monumenta Anchieta* como um todo e a leitura pela ecolinguística é uma possibilidade crítica de se reconstituir o ideário linguístico das obras do missionário.

O modelo teórico que vimos desenvolvendo para analisar o pensamento linguístico de Anchieta é relativo à interpretação do pensamento linguístico da América portuguesa como um todo. Inserimos os *Monumenta Anchieta* no período missionário da história do pensamento linguístico no Brasil, cujo século XVI pode ser dividido em três fases institucionais por pontos de ancoragem (Cf. SWIGGERS, 2013; 2019), o que

temos desenvolvido em estudos anteriores (Cf. KALTNER, 2019b; 2020a; 2020b; 2022).

3. A fase da “ecologia do contato de línguas” (1500–1548): a escolástica medieval e o empirismo franciscano

A primeira fase da história do pensamento linguístico na América portuguesa quinhentista, rotulada em nosso modelo teórico como a fase da ecologia do contato de línguas entre 1500 e 1549, é marcada pela presença de missionários franciscanos portugueses, que atuavam nas navegações. A política missionária ainda não possuía um caráter oficial no Brasil, mas era uma reverberação dos esforços desenvolvidos na costa da África e da Ásia pelos missionários, desde o século XV.

O pensamento linguístico, à época em Portugal, no final do século XV e no início do século XVI, ainda era vinculado à escolástica medieval e a um empirismo filosófico, que marcou também a ecologia do contato de línguas com os indígenas de cultura tupinambá, como os tupiniquins, em Porto Seguro, por exemplo. As inovações do humanismo renascentista, que teriam caracterizado a fase posterior, de Nóbrega e de Anchieta, ainda eram recentes na vida da corte e da formação de religiosos e de administradores do reino de Portugal.

Na América portuguesa quinhentista, entre 1500 e 1548 predominaram os intérpretes, chamados de “línguas” pelos portugueses e de “*truchments*” pelos franceses. Muitos eram navegadores, outros eram missionários, mas o estabelecimento do contato linguístico de forma empírica garantiu a comunicação com os povos indígenas, sem contudo haver um registro da língua indígena.

A formação de capitânicas hereditárias, sob a influência de Diogo de Gouveia, desde 1534, permitiu a criação de núcleos de colonização mais fixos do que as feitorias iniciais, e cada uma dessas capitânicas hereditárias pode ser analisada como um ecossistema linguístico diferente. Algumas capitânicas hereditárias prosperaram, o que permitiu a criação do governo-geral em 1548, no Estado do Brasil.

4. A fase da *Respublica Litteraria* (1549–1580): o humanismo itálico e francês, as humanidades na colônia

No período missionário da América portuguesa quinhentista, há um

ponto de ancoragem que altera as relações insitucionais na colônia, a fundação do governo-geral em 1548, pelo *Regimento de Tomé de Souza*, o rótulo de Estado do Brasil deriva desse documento. Outro marco é a política missionária que passou a ser oficializada, com o envio de missionários jesuítas.

As missões jesuíticas teriam organizado “escolas de ler e escrever” e colégios de humanidades, no modelo conimbricense, sob a liderança de Nóbrega, inicialmente. Além disso, a criação do bispado no Brasil permitiu maior organização das instituições religiosas, com sede na Bahia. Outro polo de atuação dos missionários foi a capitania de São Vicente, limite sul da colônia à época, e contexto de atuação de Anchieta.

O rótulo de *Respublica Litteraria* para essa fase da história do pensamento linguístico na América portuguesa derivou do modelo de ensino e de organização institucional desse contexto. A gramática de Anchieta é um texto prototípico das inovações humanísticas, e é redigida uma década após a obra gramatical de João de Barros.

As influências dos missionários na América portuguesa derivavam do Colégio das Artes de Coimbra, este, por sua vez, derivado dos modelos de colégios humanísticos franceses, como o de Paris e de Bordeaux. Como documentação e registro dessa fase, temos os *Monumenta Anchieta*, além das cartas dos missionários. O início do ensino de humanidades na colônia marcou uma nova etapa no desenvolvimento do pensamento linguístico da América portuguesa.

5. A fase do “racionalismo escolástico” (1580 ao século XVII): o início de ensino de filosofia na colônia

A terceira fase do período missionário na América portuguesa quinhentista é marcada por outro ponto de ancoragem institucional: a União Ibérica, em 1580, o marcou uma maior influência do reino de Castela no mundo ibérico. Na América portuguesa, esse ponto de ancoragem marcou a chegada de outras ordens religiosas, as visitas do Santo Ofício e o início do ensino de filosofia na colônia.

Por esse ensino de filosofia, pela adoção da gramática latina de Manuel Álvares e pela *Ratio Studiorum*, temos também a chegada da segunda escolástica como corrente de pensamento que sucede à hegemonia do humanismo renascentista anterior. Essa fase é marcada por um maior rigor no pensamento relativo às missões, assim como por uma maior

sistematização do conhecimento, o que afasta a atividade literária dos afazeres dos missionários. Não há outra obra como os *Monumenta Anchieta* nessa fase.

Por outro lado, a gramática de Figueira, de 1621, e as gramáticas de Mamiani e de Pedro Dias, no final do século XVII, já são produtos desta maior sistematização do pensamento linguístico. As instituições missionárias da colônia atingiram seu apogeu nessa época, ainda que fosse uma fase marcada por poucas inovações, devido à forte manutenção de tradições, era a época também da estética do Barroco, com algumas produções de cunho literário fora dos círculos intelectuais das ordens religiosas. O declínio desse sistema de pensamento já se apresentava com a modernidade iluminista tendo despontado na Europa, o que teria reverberado no final do período missionário somente na América portuguesa de meados do século XVIII.

Ainda no século XVII, a presença holandesa na América portuguesa marcou a retomada de perspectivas humanísticas no desenvolvimento do pensamento linguístico, todavia, devido à descontinuidade dessa presença, esses ideais só teriam tido maior impacto na secularização posterior, de forma abrupta, com a política linguística promovida pelo Marquês de Pombal.

6. Conclusão

No artigo, debatemos em linhas gerais nosso modelo teórico para a descrição da história do pensamento linguístico na América portuguesa quinhentista, tema a que temos nos dedicado em pesquisa no último quadriênio, entre 2019 e 2023. O modelo teórico apresentado no artigo, e derivado de estudos anteriores foi o principal resultado da pesquisa ora em curso, que também tem como objetivo organizar uma edição crítica da gramática de Anchieta.

A pesquisa, de natureza filológica, combina a edição crítica, e tradução do texto do missionário, com sua exegese, processo pelo qual se vislumbrou a possibilidade de analisar o pensamento linguístico do missionário quinhentista. A obra de Anchieta é singular, mesmo entre outros pares quinhentistas, e no período missionário não se repetiu a proeza de produção de um *corpus* mais fecundo que os *Monumenta Anchieta*.

Quanto mais a pesquisa avança, encontramos elementos de que a obra de Anchieta se situou entre o humanismo renascentista e a segunda

escolástica, tema que já gerou divergências em intérpretes da obra do missionário, como Américo Ramalho e Leodegário do Azevedo. Anchieta era um autor singular de seu tempo, sua gramática missionária é um dos textos mais representativos de uma intelectualidade específica oriunda de círculos religiosos que atuou na América portuguesa, outrora colônia ultramarina do reino de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Apresentação Dr. Carlos Drummond e aditamentos de Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 19-44

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. Campinas-SP: Unicamp. 1992.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 81-114

COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística*. Brasília: Thesaurus, 2007.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da Uff*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

_____. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 197-217, 2019a.

_____; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, v.57, p. 9-35, 2019.

_____; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista Philologus*, ano 25, n. 75, v. 2, p. 1564-72, Rio de Janeiro, : CiFEFiLset./dez. 2019.

_____. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, n. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019b.

_____. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, ano 1, n.1, p.01-15, 2020a.

_____. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

_____. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro, set./dez. 2020c.

_____. Regna Brasillica: contextualização da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

_____; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, n. 76, v. 2, p. 750-9, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020.

_____. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta-SJ (1534-97). *Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education*, n. 20, p. 37-44, 2020e.

_____. The place of Anchieta's Grammar in the history of linguistic thought in Brazil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e610, 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/610>. Acesso em 14 fe. 2022.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia da Linguística. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80

RODRIGUES, Aryon. Descripción del tupinambá en el período colonial: el 'Arte' de José de Anchieta. In: ZIMMERMANN, K. *La descripción de las lenguas amerindias en la época colonial*. Frankfurt-Main/Madrid: Verbuert-Iberoamericana, 1997, p. 371-400.

ZWARTJES, Otto. The description of the indigenous languages of portuguese america by the jesuits during the colonial period. The impact of the Latin Grammar of Manuel Álvares. *Historiographia Linguistica*, n.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

XXIX:1/2, p. 19-70. Amsterdam: John Benjamins, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/7972042/The_description_of_the_indigenous_languages_of_Portuguese_America_by_the_jesuits_during_the_colonial_period_The_impact_of_the_latin_grammar_of_Manuel_C3%81lvares.